

Poesia, Educação e Política na Grécia antiga

Emerson Facão¹

Resumo

O presente artigo pretende apresentar algumas características do processo de formação cultural helênico na antiguidade. Dentro desse contexto histórico, a poesia homérica desempenhou um papel fundamental para a organização religiosa, política, moral, social e pedagógica no período arcaico. Antes mesmo do ressurgimento da escrita, que antes era utilizada apenas como um instrumento para o controle de produção na civilização micênica, a oralidade foi o principal meio de expressão para manter os principais conteúdos que foram empregues para a construção dos valores através da figura do aedo que serviu para a unificação de vários povos durante a passagem da idade das trevas.

Palavras-chave: Poesia, Homero, Cultura, Período de Bronze.

Abstract

This article intends to present some characteristics of the process of Hellenic cultural formation in antiquity. Within this historical context, Homeric poetry played a fundamental role for religious, political, moral, social and pedagogical organization in the archaic period. Before the resurgence of writing, which used to be used only as an instrument for production control in Mycenaean civilization, orality was the main means of expression to maintain the main contents that were used for the construction of values through the figure of aedo which served to unify various peoples during the passage of the Dark Ages.

Key-words: Poetry, Homer, Culture, Dark Ages.

Desde os primórdios da cultura helênica, o fim último da educação é oferecer ao homem o conhecimento necessário para que ele possa alcançar a máxima plenitude existencial dentro de sua respectiva comunidade através da escolha de sua melhor constituição política². Essa premissa inaugural, que podemos encontrar em várias obras de pensadores como Platão, e o macedônio Aristóteles³, revela um dos mais importantes traços da cultura grega: o cuidado na *formação pedagógica* voltada para o exercício da *cidadania*. Em todas as fases históricas gregas, a partir do período homérico, é possível delinear o aprimoramento, e a prática de várias noções, que deveria estar amplamente afinada com as habilidades que cada um dos gregos desempenhava na sociedade para encontrar a *harmonia* do seu respectivo espaço social e político. A partir dessas

¹ Doutor em Filosofia, músico, poeta, pesquisador do Nufa (núcleo de estudos de Filosofia Antiga da Puc-Rio) e professor no curso de especialização em Filosofia Antiga da Puc-Rio e no curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM).

² Vide ARISTÓTELES, *Política* (Livro I, 1252 a).

³ *Ευδαιμονία* (Eudaimonia). A *plenitude existencial*, ou “*Bem-estar*”, é um dos pontos centrais das discussões intelectuais no período clássico. No *Protréptico* (Iamblichus, VI) e *Político* (livro VIII) de Aristóteles, e no diálogo *Eutidemo* de Platão (278 e), esse ponto sempre está associado a uma discussão que visa encontrar o melhor tipo de conduta para alcançá-la. Logo, essa questão aparece como norteadora para a reflexão ética, política e pedagógica entre os gregos do período clássico.

considerações iniciais, o nosso presente artigo pretende apresentar algumas idiossincrasias dessa formação pedagógica e política da civilização helênica antiga.

Um dos primeiros pontos que é ressaltado por muitos helenistas como o alemão Werner Jaeger (JAEGER, 1936) e o historiador francês Henri-Irénée Marrou (MARROU, 1904) refere-se ao estatuto do jovem grego, que independentemente de sua classe social, deveria seguir à risca uma série de procedimentos que eram repassados por vários mestres ao decorrer de sua infância até o fim de sua juventude. No alcance de sua fase adulta, esses conhecimentos eram aperfeiçoados através dos encontros nos simpósios e festivais públicos que funcionavam como um espaço de treinamento pedagógico⁴ no qual era possível testá-los e aprimorá-los⁵. É importante ressaltar que antes do período clássico, o processo educacional de um modo geral estava focado na *formação militar* em todas as cidades que faziam parte da cultura helênica, pois havia uma demanda prática que precisava ser suprida de modo eficiente em cada uma dessas localidades. Depois da queda da antiga civilização micênica, que culminou no nascimento do período das trevas⁶, a preocupação com a segurança territorial era algo primordial tendo em vista a grande catástrofe humana ocasionada, entre outros fatores de ordens naturais⁷, e pela guerra. Logo, não é difícil compreendermos o interesse desses primeiros gregos quase obsessivo para o desenvolvimento de um projeto educacional voltado para a formação militar. O medo do retorno desse passado recente criou um fantasma que sempre esteve presente assombrando essas populações desde o período pré-homérico. A fragmentação social que foi provocada por grandes deslocamentos migratórios trouxe inúmeros problemas como o empobrecimento decorrente da falta das trocas comerciais que foram essenciais para a expansão econômica durante o florescimento da *Idade do Bronze*. Nesse primeiro momento da conturbada historiografia helênica, essa preocupação bélica surge como uma alternativa para evitar novas migrações forçadas, e isso se confirma através dos testemunhos da

⁴ Vide as considerações de Aristóteles sobre esse ponto no primeiro livro da *Política*. A sociabilidade é lago essencial para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, podemos compreender a relação desse aspecto com o processo pedagógico.

⁵ Vide PLATÃO, *Banquete*.

⁶ Período histórico que compreende o final do período de bronze até o início do pré-homérico. Para mais informações sobre esse momento recomendamos a leitura do seguinte livro: SNODGRASS, A. *The Dark Age of Greece*. Ed. By Routledge, 2000.

⁷ Terremotos e maremotos.

tradição oral que aparece no início obra de Tucídides, sendo essa uma das mais preciosas fontes para estudarmos esse período histórico⁸, vejamos a seguir:

É óbvio que a região agora chamada Hélade não era povoada estavelmente desde a mais alta antiguidade; migrações haviam sido frequentes nos primeiros tempos, cada povo deixando facilmente suas terras sempre que forçado por ataques de qualquer tribo mais numerosa. Não havia, com efeito, movimento comercial e os povos não se aproximavam uns dos outros sem medo, seja por terra, seja por mar; cada povo arava sua própria terra apenas o bastante para obter dela os meios de sobrevivência, não tendo recursos excedentes e não plantando para o futuro, pois a perspectiva de saque por algum invasor, especialmente por não haver ainda muralhas, gerava incerteza. Assim, acreditando que poderiam obter em qualquer parte o sustento para as suas necessidades diárias, os povos achavam fácil mudar de paragem e por isto não eram fortes, quer quanto ao tamanho de suas cidades, quer quanto a recursos em geral. E sempre as melhores terras eram mais sujeitas a tais mudanças de habitantes - as regiões atualmente chamadas Tessália e Beócia, a maior parte do Peloponeso exceto a Arcádia, e as áreas mais férteis do resto da Hélade. Os recursos mais consideráveis que se acumularam em algumas regiões em decorrência da fertilidade de suas terras ocasionaram divergências internas que as arruinaram, e ao mesmo tempo as tornaram mais expostas à cobiça de tribos alienígenas. A Ática, sem dúvida, esteve livre de disputas locais, graças à aridez de seu solo, e, portanto, foi habitada sempre pela mesma gente desde épocas remotas (Tucídides, *Hist. da guerra do Peloponeso* Livro I)⁹.

Através de uma sobriedade lógica que é um traço característicos dos pensadores do período clássico, o historiador de modo sintético deixa claro para nós os principais pontos que foram relevantes para o processo do desenvolvimento cultural e político após a passagem pela *Idade da Trevas*, no qual trouxe um enorme recrudescimento das práticas sociais desses povos remanescentes que posteriormente se juntaram para a formação da Hélade. Outro ponto que destacamos se apresenta de modo sub-reptício logo na primeira linha no momento que é apresentada a cultura micênica como helênica.

A validade desse relato ganha consistência factual quando nos deparamos com o conteúdo expostos nas narrativas poéticas que podemos encontrar na obra de autores como Homero e Hesíodo. A *tradição da epopeia*, por exemplo, foi uma das mais importantes ferramentas para a formação da cidadania grega para fins políticos e

⁸ Vide o primeiro capítulo da *História da guerra do Peloponeso* de Tucídides.

⁹ Tradução de Mario da Gama Kury.

militares¹⁰. A poesia nesse contexto oferecia uma série de procedimentos que auxiliavam, em um primeiro momento, fixar noções essenciais de cunho moral e cívico no espírito dos jovens, e isso, segundo Platão¹¹, ocorria de modo subliminar desde o período infantil através dos mitos que eram contados pelas mulheres. Aliás, esse tipo de procedimento está descrito de modo minucioso no livro II da *República*¹². Para o filósofo, essa é uma forma eficiente de moldar o caráter das crianças desde o berço. Nesse sentido, *a poesia, ou educação musical*¹³, é apresentada como um instrumento útil para atender essa finalidade¹⁴. Independentemente da sua crítica à poesia, que aparece nesse contexto, ele não descarta o uso das fábulas para fins pedagógicos. E esse certamente é um traço que vem da pedagogia da tradição oral que o filósofo apresenta de modo indireto em sua exposição, e que apresenta traços desse antigo método educacional. Logo, podemos aferir como esse tipo de prática era um fenômeno que ocorria há bastante tempo dentro da cultura helênica.

A partir de outra perspectiva, e não menos essencial, a poesia funcionava como um meio de *conservação e transmissão* desses conteúdos para auxiliar no processo de transmissão e manutenção sócio-política da cultura grega. Essa imensa riqueza oriunda da tradição oral revela através do campo formal a sofisticação que operava em prol desse legado que foi mantido pela aristocracia para fins práticos como o seu maior tesouro para a posteridade. Dentro de uma sociedade ágrafa, pelo menos durante o período pré-homérico¹⁵, esse dispositivo mnemônico foi aprimorado para desempenhar

¹⁰ Dentro do contexto arcaico a atividade política e militar estava intimamente relacionada. O direito da cidadania que dava o poder do exercício político apenas para os que podiam participar das atividades militares. Para mais informação sobre esse ponto recomendamos a leitura do seguinte livro: VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

¹¹ Vide o livro II da *República* (377 a – e) de Platão.

¹² *Ibidem*.

¹³ Na Grécia antiga as duas expressões carregam o mesmo sentido dentro do contexto pedagógico, sobretudo, no período pré-homérico.

¹⁴ É exatamente dentro de contexto que podemos encontrar algumas pistas da importância do uso prático que Platão como poeta e filósofo faz da tradição mito-poética que se coloca em direção totalmente oposta de uma tradição de especialistas que defende que ele não era a favor do uso da poesia na sua *República*. A questão do filósofo é fazer um reformulação político-pedagógica que atendesse especificamente o seu contexto histórico. Essa é uma questão muito interessante, mas infelizmente não podemos desenvolvê-la nesse presente trabalho.

¹⁵ Segundo o helenista francês Jean Pierre Vernant, a escrita na antiga realeza micênica durante era utilizada durante o período de bronze apenas para o controle da produção agrícola. Posteriormente, no período arcaico, ela é reinserida e aplicada com intuito de divulgação das leis. Para muitos especialistas esse fato foi responsável por ocasionar uma profunda mudança no processo de subjetividade helênica. Para mais informações recomendamos a leitura das seguintes obras: VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A.,

com excelência o seu papel de comunicação e de conservação. Nesse sentido, era necessário o desenvolvimento metucioso de um estudo de cunho musical voltado para a prática poética. Pouco se sabe sobre como ocorria esse processo de formação musical que levaram ao surgimento dos primeiros aedos na Grécia que eram responsáveis por essa função. Mas, através das obras de Homero e Hesíodo é possível encontramos algumas pistas que podem fornecer algumas direções para uma análise mais minuciosa que nos apresentam algumas características de como essas obras eram construídas na antiguidade.

Segundo o filólogo americano Milman Parry (PARRY, 1971), o *hexâmetro dactílico*¹⁶ foi um esquema rítmico desenvolvido pelos antigos aedos que servia para dar o sentido à poesia épica. Ou seja, todas as composições com essa temática carregavam essa marca que é uma prova inegável da sofisticação da arte musical desenvolvida dentro da cultura oral para a poesia que nos seus primórdios auxiliava a realeza no controle político e social. O ritmo imposto previamente no canto ditava alguns *modelos axiológicos* que serviam como espelho para fomentar e lembrar no espírito dos jovens os ideais de *coragem*¹⁷ e *honra*¹⁸ que são características *sine qua non* para o exercício da cidadania para a antiga aristocracia. Esse tipo de mecanismo, antes mesmo do *surgimento da Filosofia*, revela o imenso trabalho intelectual que foi empregado de modo prático para ampliar a capacidade comunicativa e mnemônica que começou a ser aplicada entre diversos povos pré-helênicos. Logo, podemos pressupor através desses indícios, que esse longo processo foi desenvolvido durante o período de bronze na grande civilização micênica, ou até mesmo antes nas civilizações *cicládica e minoica*¹⁹, e que posteriormente tornou-se uma base referencial para a ampliação e aperfeiçoamento da epopeia homérica que serviu como um *espelho social, político e pedagógico* dentro desse novo contexto histórico²⁰ que surgiu a pós a queda da antiga

1989. E: ERIC, A. Havelock. “A revolução da escrita na Grécia”. trad. O.J. Serra, São Paulo, Ed. UNESP, e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

¹⁶ Esquema rítmico da epopeia.

¹⁷ Ἀνδρεία/andreia.

¹⁸ Τιμή/time.

¹⁹ É o que defende o musicólogo John Younger. Para mais informações sobre esse ponto recomendamos a leitura do seguinte livro: YOUNGER, John. “*Music in the Aegean Bronze Age*”. Ed. Jonsered, Sweden: Paul Åströms Förlag, 1998.

²⁰ A nossa hipótese baseia-se nos estudos arqueológicos desenvolvidos pelo arqueólogo britânico Arthur Evans que descobriu uma série de materiais em Creta que demonstram a o legado dessas culturas pré-egregas. Para mais informações recomendamos a leitura do seguinte livro: EVANS, Arthur. “*The Minoan and Mycenaean Element in Hellenic Life*”, Annual Report of the Smithsonian Institution, 1912-1913 in Washington, D.C.: Government Printing Office, 1914.

estrutura política monárquica que ocorreu em diversas partes da vasta região mediterrânea.

A variedade de dialetos que formaram a cultura helênica forneceu uma riqueza linguística, que foi, sem sombras de dúvidas, responsável pela plasticidade que foi esculpida por esses artificios da palavra durante um longo período da historiografia pré-grega. Dentro desse contexto, a *beleza* necessitava dialogar intimamente com a eficiência comunicativa que deveria marchar em prol da consolidação sócio-política. Nesse sentido, todo trabalho de cunho intelectual tinha por objetivo auxiliar de modo pragmático a organização social, política e religiosa. O caráter politeísta da religiosidade helênica, por exemplo, aponta para uma multiplicidade de influências oriunda de outras culturas afins que encontramos em sua vasta mitologia, e que foi a fonte para a imensa riqueza da criação poética que pôde torná-la uma das mais importantes expressões literárias da antiguidade, e que exerce influência até os dias de hoje no mundo ocidental²¹.

Esse tipo de construção literária estava voltado fundamentalmente para um único objetivo: *a excelência do exercício da ação humana*. Diferentemente de nós, os gregos antigos não faziam separação entre as atividades artísticas, religiosas e sócio-políticas. O *mundo divino* era o parâmetro substancial que dava respaldo e motivação para a busca da perfeição do mundo humano. De um modo geral as artes desempenhavam o papel de manter o *status quo* dos valores da tradição da nobreza real que deveriam ser impostas com o intuito de nortear todos os membros da sociedade através desses ideais que eram esculpidos e propagados pela poesia homérica, e efetivados através dos diversos rituais e atividades cívicas de cunho público.

É importante ressaltar que mesmo com a queda da realeza micênica muitos desses traços permaneceram vigentes entre os gregos até o período clássico²². Isso demonstra o poder de perenidade da tradição que era mantida desde a cultura oral pela poesia que foi o instrumento responsável por essa longevidade através dos vários grupos remanescentes que sobreviveram ao fatídico *período das trevas*, e que formaram os primeiros assentamentos responsáveis pela base da formação cultural grega posterior. Entre esses homens estavam os sobreviventes dos seguintes povos: *cretenses*, *dórios*,

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

aqueus, jônios e eólios. Como foi ressaltado nos parágrafos anteriores os gregos souberam extrair e aprimorar para o benefício de sua sobrevivência diversos traços culturais desses povos que estabeleceram contato e proximidade.

Essa imensa riqueza pode ser obtida através de uma leitura atenciosa da épica homérica que, entre outras características, também foi um dispositivo linguístico importantíssimo para a unificação cultural desses remanescentes pré-gregos através de uma língua que foi esculpida por Homero²³. Do mesmo modo que a *Divina Comédia* de Dante atuou para os italianos no século XIV²⁴. Aliás, não é fortuita a lembrança da poesia de Dante nesse contexto, pois a sua relação com Homero se deu - e mesmo de modo inconsciente - através de um outro grande poeta latino que serviu de inspiração para o italiano²⁵ que foi Virgílio²⁶. Pois, a influência da épica grega e romana está presente na própria estruturação das três partes que compõe a *Divina comédia*. Além de ser escolhido como um dos três principais personagens de sua composição, o poeta romano foi o guia e modelo referencial para a sua mais engenhosa criação poética ao lado de sua musa inspiradora Beatrice. Antes da confecção de sua mais famosa obra, o poeta florentino apresentou algumas de suas reflexões sobre a língua italiana, que iriam ser empregues em sua construção literária mais audaciosa em um livro incompleto intitulado *De vulgari eloquentia*. No qual afirma, entre outras coisas, que a língua não é algo estático e sem relação com o seu próprio meio de origem. Pelo contrário, ela é um fenômeno dinâmico que está em evolução contínua e sempre submetida ao seu contexto histórico²⁷.

Essa hipótese apresentada no parágrafo anterior pode ser aplicada para nos ajudar a compreender, por exemplo, o poder de mobilização e organização sócio-político e pedagógico dentro do contexto pré-grego através do uso da poesia. Nesse caso, o idioma helênico foi ornado pelos aedos utilizando o vasto banco coletivo de dialetos e da

²³ Ou o grupo de aedos responsáveis por essa função. Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura do seguinte livro: KIRK, G. S. *"The Songs of Homer"*. Ed. Cambridge, 1962.

²⁴ Para mais informações sobre esse ponto recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: ALIGHIERI, Dante. *"Divina Comédia"* - volume I e II. Prefácio de Raul de Polillo. São Paulo, W. M. Jackson Inc. (Coleção Clássicos Jackson, Volume V), 1964.

²⁵ Segundo os estudiosos da obra do poeta italiano, Dante não teve acesso à literatura grega. Seja como for, e mesmo de modo inconsciente, através da poesia latina de Virgílio o florentino Dante teve contato com a estrutura épica grega. Para mais informações recomendamos a leitura da introdução do seguinte livro: ALIGHIERI, Dante. *"Divina Comédia"* - volume I e II. Prefácio de Raul de Polillo. São Paulo, W. M. Jackson Inc. (Coleção Clássicos Jackson, Volume V), 1964.

²⁶ Publius Vergilius Maro; de 70 a.C. foi um poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina, as *Éclogas* (ou *Bucólicas*), as *Geórgicas*, e a *Eneida*.

²⁷ Vide *De vulgari eloquentia*, livro primeiro, capítulo IX.

mitologia desses povos pregressos à cultura helênica. Sem esse material coletado em diversas outras culturas seria praticamente impossível construir uma base sólida para unificar esses diferentes grupos sob o mesmo espaço sociocultural. O fenômeno da guerra, por exemplo, foi uma experiência que marcou profundamente todos os povos que habitaram na região mediterrânea. E esse é sem dúvida alguma uma das principais experiências que podemos assinalar na construção e aperfeiçoamento da epopeia homérica. Como ressaltamos anteriormente, esse dispositivo mnemônico para ser efetivo deveria operar através de um centro gravitacional que pudesse estabelecer um parâmetro de identidade para a coletividade que fosse fundado na relação entre *o mundo divino e humano*. Mesmo com as inúmeras modificações, que foram acrescentadas para atender esse novo contexto sociocultural, a poesia deveria manter certos aspectos desses antepassados que sucumbiram no final da *Idade de Bronze* para facilitar o efeito de assimilação que parte das lembranças do passado glorioso e tenebroso que permaneceu entre os remanescentes pré-gregos²⁸.

Um dos pontos mais importante dessa primeira fase da pedagogia homérica pode ser contemplada através da atuação do bravo herói Aquiles. O modelo axiomático para educação dos jovens da aristocracia nesse contexto é fundamentalmente esculpido através de sua imagem que sempre esteve associada com determinados arquétipos. Os dois mais importantes são a *coragem* e a *excelência*²⁹. Os primeiros versos do Canto I da *Iliada* revelam que o leitmotiv dessa belíssima narrativa tem toda a sua órbita estruturada através das ações dessa personagem que insufla uma gama de virtudes que flutuam semanticamente dentro do conceito de *Beleza*, que para os gregos reúnem os sentidos da *perfeição divina, coragem, excelência, justiça, honra e glória*. Dentro dessa complexa construção de valores, em torno de sua imagem, se faz necessário buscar através da mitologia a origem dos principais elementos que vão desempenhar o efeito de adesão no processo de desenvolvimento coletivo da subjetividade grega. O poder de assimilação desses valores, como um mecanismo de validação que visa ser um paradigma pedagógico, depende essencialmente do *reconhecimento*³⁰ de alguns desses arquétipos que estão disponíveis nas mais variadas narrativas míticas antigas que habitaram o inconsciente coletivo dos povos que compartilhavam em comum as alegrias

²⁸ Sobre essa questão recomendamos a leitura do seguinte livro: NILSSON, P.M. “*The mycenaean origin of greek mythology*”, ed. University of California Press, 1973.

²⁹ Ανδρεία και ἀρετή/andreia kai aretê.

³⁰ ἀναγνώρισις/agnorísis.

e sabores da *guerra*. A partir dessa constatação, é que a épica homérica é forjada, e consequentemente a sua pedagogia.

Para a aceitação da imagem do guerreiro intrépido, por exemplo, como modelo de virtude para a formação da cidadania, foi essencial que Homero mergulhasse nesse banco mnemônico formado por inúmeras narrativas oriundas da tradição oral para retirar os elementos necessários que seriam empregados meticulosamente na construção do herói Aquiles. Uma dessas imagens podemos encontrá-la no mito do centauro Quíron. Os relatos mais antigos apresentam a imagem dessa figura de *origem divina* como responsável pela formação do herói. Essa criatura lendária, que é metade homem e outra metade cavalo, é a síntese perfeita que simboliza o prestígio que a *arte da equitação* exercia entre a nobreza grega³¹. Esse ser divino era tido como um dos mais *famosos e sábios* entre a classe dos centauros na mitologia. Em detrimento disso, a sua filiação está associada ao panteão dos deuses olímpicos que formam a religião difundida pela nobreza para fins pedagógicos e políticos. A sua sabedoria lhe conferiu o ofício de ser o maior *educador* entre os seres mitológicos gregos.

Xenofonte, que é conhecido por ter sido mercenário e discípulo de Sócrates – e pertencente a uma das famílias mais influentes em Atenas³² - escreveu um livro intitulado *Sobre a caça*, no qual enumera vinte e uma figuras lendárias que foram educadas por esse centauro. No capítulo I, além dele nomear todos os heróis que tiveram Quíron como pedagogo, ele também fornece uma preciosa informação ao

³¹ Na mitologia grega podemos encontrar em várias narrativas antigas a imagem do cavalo relacionado com o mundo divino e dotados de poderes especiais, a seguir apresentaremos alguns exemplos: 1) Quíron, um centauro, filho de Cronos, que atuou como tutor de Aquiles. 2) Pegasus o cavalo alado, filhos de Poseidon e Medusa. Mais tarde, ele foi transformado por Zeus na constelação de Pégaso. Sabe-se que o cavalo desempenhou um papel central nos grandes festivais cívicos no mundo antigo, como os jogos de Panathenaicos em Atenas e os Jogos Olímpicos em Olympus, onde participava de corridas de carros e corridas individuais. No quinto século em Tebas, o poeta lírico Píndaro imortalizou as vitórias dos cavalos e cavaleiros nos jogos Ístmicos, Olimpo, Píticos. O entusiasmo ateniense para o cavalo também foi ressaltado em muitas construções civis e religiosas que estavam cobertas com pinturas e esculturas de cavaleiros e cenas de batalha. Todos esses indícios coletados na arte e arquitetura apresentam as proezas dos guerreiros gregos na batalha, não apenas durante o período arcaico, mas também no período clássico e helenístico. É possível encontrar várias obras que relatam essa faceta, por exemplo, a sepultura estela de Dexileos (394/3 BC), que mostra o jovem cavaleiro em batalha em um cavalo de elevação com o inimigo debaixo dele encolhido. Da mesma forma, são famosas as representações de Alexandre, o Grande, e seu famoso cavalo Bucefalos, como a do par montando para a batalha no Alexander Mosaico na Casa do Fauno, Pompéia. Essas diversas representações do cavalo tem o intuito de demonstrar sua importância na guerra, e a centralidade desta criatura na vida cívica, religiosa e econômica da cidade que remonta antes mesmo dos primórdios da civilização helênica.

³² Em ESTREBÃO, *Geografia*, Livro IX, Capítulo 2, 7. Nessa passagem o geógrafo relata a batalha de Délío, que ocorreu por volta de 424 a.C, no qual os atenienses são derrotados pelas tropas tebanas. Após uma retirada em massa, dos sobreviventes atenienses, o filósofo Sócrates teria socorrido Xenofonte que teria caído do seu cavalo.

apresentar o *conteúdo programático e pedagógico* para a classe dos cavaleiros em Atenas. Para se tornar um *bom herói* o jovem nobre deveria estudar as seguintes especialidades: *artes de caça, combate, equitação e música*. Podemos notar que todas essas disciplinas estavam vinculadas à formação *militar e política* dos jovens. Ambas essenciais para o domínio do âmbito interno e externo da política grega. Sendo essa uma das principais obras para fundamentar a tese que apresentamos anteriormente. Ou seja, esse trabalho de reunião e uso do banco mnemônico dessa tradição mítica desempenhava uma função pedagógica que era necessária para a manutenção e sustentação do poder político.

O legado mantido pela antiga nobreza da realeza micênica ainda se manteve durante um longo período até o momento de uma terrível crise política que levou os gregos a uma mudança em sua antiga constituição³³. Mas vale ressaltar que mesmo depois de inúmeras transformações, o ideário em torno do herói ainda mantinha uma posição de destaque no imaginário helênico em torno das *façanhas* desses homens que traziam em seu sangue o *icor*³⁴ dos deuses olímpicos. Por esse motivo a imortalidade nos mundos dos homens era uma conquista certificada unicamente através do canto do aedos para as *ações sublimes* nos campos de batalhas da vida. Nesse sentido, Homero foi responsável por fornecer essa dádiva ao grande rei dos mirmidões Aquiles. As suas ações valorosas foram determinantes para a vitória dos aqueus sobre os troianos, e para o desenvolvimento do processo educativo dos jovens aristocratas.

Na listagem apresentada por Xenofonte, sobre os alunos ilustres de Quíron, é possível encontrarmos o nome desse lendário guerreiro. Essa relação pedagógica, e poética, não é de modo algum fortuita. Vimos anteriormente como Aquiles representava o modelo de herói na épica homérica. Logo, era de extrema importância, para fundamentar esse projeto pedagógico voltado para a nobreza, que esse mito de Quíron fosse esculpido de modo que estivesse associado intimamente à imagem de Aquiles para surtir o efeito esperado de *persuasão e respeito*, por um lado, no imaginário dos jovens nobres, e por outro, na população com o intuito de imprimir *submissão à classe dominante*. A partir dessa constatação é possível compreendermos a utilização da

³³ Para mais informações sobre esse ponto recomendamos a leitura do seguinte artigo: FACÃO, Emerson. “Democracia, liberdade e poesia: a grande revolução popular de Atenas”. Revista Ítaca - Revista dos alunos de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³⁴ *ἰχώρ/ichór*. Essa substância etérea estava na corrente sanguínea dos deuses gregos.

mitologia para controle e *produção de subjetividade*³⁵. Uma das funções da poesia desde o período pré-homérico era de *divulgar*, através de *técnicas mnemônicas e melódicas*, esses ideais difundidos pela aristocracia que sempre esteve presente na antiga realeza no final da *Idade do Bronze*. Logo, a estrutura do poder vigente durante esse período, que abrange da monarquia micênica até o início do surgimento da democracia, pode ser representada e inserida no inconsciente coletivo grego através da poesia na reunião de apenas duas imagens: a do *homem nobre* e do *cavalo*. São esses dois ícones³⁶ unidos que simbolizam o *poder militar, político e econômico* de mais alto valor da cultura helênica em seus primórdios, e que foi utilizado para fins políticos.

As histórias em torno desse lendário animal marcaram uma forma de luta, que foi imortalizada por Homero, e que também fez parte da construção imagética efetuada pela casta guerreira que assumiu o lugar do rei³⁷ com a queda da antiga realeza micênica. Esses hábeis condutores de carros, que são conhecidos como os primeiros cavaleiros³⁸ de combate na Grécia, era uma importante herança de uma estratégia militar que marcou a construção da épica e da consciência coletiva grega em seus primórdios, pelo menos dentro do âmbito da aristocracia, que eram responsáveis por imprimir seus valores para o resto da população. Segundo o helenista britânico Geoffrey Kirk (KIRK, 1962, p. 7), esses primeiros carros de combates surgiram no contexto pré-helênico a partir do contato comercial com algumas culturas da Ásia Menor, como a civilização Hitita, por volta do século XVI a.C, esses povos teriam sido os primeiros a utilizar esses animais nos campos de batalha. Devido aos altos custos na criação desses animais, a arte da equitação ficou restrita à nobreza. Esse traço também demonstra o processo de intercâmbio cultural que foi essencial para o mais amplo desenvolvimento econômico e cultural durante a *Idade do Bronze*.

Como vimos anteriormente, a construção do herói homérico era baseada em habilidades *individuais* que eram decisivas, não apenas no campo de batalha, mas para a

³⁵ Para Guattari, por exemplo, cada indivíduo ou grupo social cria o seu próprio sistema de modelização da subjetividade. Ou seja, uma espécie de cartografia que é desenvolvida a partir de inscrições cognitivas, míticas, ritualísticas, sintomatológicas, a partir da qual ele demarca a sua posição como homem no mundo. Para mais informações sobre essa questão vide: GUATTARI, F. *“Caosmose: um novo paradigma estético”*. São Paulo: Editora 34, 1992.

³⁶ Esse termo vem de *eikon* (*εἰκών*) e significa uma representação imagética. Para a semiologia e a semiótica o ícone é um signo que representa outro objeto por semelhança.

³⁷ Avaξ /ánax. Rei dos reis.

³⁸ *Hippeis* (*ἵππεύς*) cavaleiros que formavam a cavalaria militar grega.

formação do *homem político*³⁹. No livro IV da *Política*, Aristóteles afirma que as primeiras constituições baseavam o seu poder militar na *cavalaria* que era mantida por uma oligarquia formada por poucos nobres. E a partir dessa constatação podemos encontrar mais um elemento que comprova a relação dessa classe com o poder político⁴⁰. Posteriormente, com a necessidade de utilização da infantaria⁴¹, a base estrutural que formava o poder do Estado foi ampliada. Até hoje ainda não sabemos de fato como essa transformação ocorreu, mas encontramos alguns indícios fornecidos pelo próprio filósofo⁴² que indica que a pressão popular pode ter sido um dos fatores que corroborou para essa abertura política através da necessidade do próprio governo depender do auxílio, cada vez maior, de combatentes de outras classes sociais para compor as fileiras para o emprego nos campos de batalha. Seja como for, essas mudanças se baseiam em uma dinâmica que é determinada a partir das relações de política interna e externa que sempre foi regida pela lógica imprevisível da guerra. Por isso que o processo pedagógico de cidades-estados como Esparta, por exemplo, focou todos os seus esforços para a máxima eficiência do cidadão guerreiro. Com a possibilidade iminente do combate corpo a corpo, esses gregos se destacaram na antiguidade por desenvolverem um rígido regime político-pedagógico com o intuito de manter a segurança de sua comunidade. Esse é mais um exemplo entre tantos outros de como a poesia homérica foi de extrema importância para o processo de organização social, político, religioso, pedagógico da civilização helênica.

Bibliografia:

ALIGHIERI, Dante. “*Divina Comédia*” - volume I e II. Prefácio de Raul de Polillo. São Paulo, W. M. Jackson Inc. (Coleção Clássicos Jackson, Volume V), 1964.

³⁹ Para o cientista político inglês Ernest Barker, o sentido do valor do indivíduo foi uma característica do desenvolvimento do pensamento político grego antigo. Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura do seguinte livro: BARKER, Ernest. “*Greek Political Theory: Plato and his predecessors*”. New York: Taylor and Francis, 1951; cap.1, pág. 2.

⁴⁰ Vide ARISTÓTELES, *Política*, livro IV, 1289 b.

⁴¹ Ibidem, livro III, 1280 a. nessa passagem o filósofo defende categoricamente que o desequilíbrio entre ricos (minoría) e pobres (maioría), é o que vai gerar o deslocamento de poder entre a *oligarquia* e a *democracia*. A maioria massacrada pela opressão de poucos estimula o processo de disputa de poder político com a classe de nobres. E com a necessidade de regimentos para o pronto emprego na guerra com outros povos é óbvio que a aristocracia teve que ceder às pressões populares. Em contrapartida, a classe aristocrática abre esse espaço político com a prerrogativa de que esses novos membros pudessem participar ativamente na formação de regimentos para a atuação na guerra.

⁴² As inúmeras derrotas sofridas pelos gregos podem ter sido um dos motivos para ceder às pressões populares.

- ARISTÓTELES, “*A Constituição dos Atenienses*”. Trad. de Delfim Ferreira Leão, Lisboa: Calouste Gulbekian, 2003.
- ARISTOTE, “*Constitution D’Athènes*”. Texte établi et traduit par Georges Mathieu et Bernard Haussoulier. Paris: Belles Lettres, 1985 (ed. original 1922).
- ARISTOTLE, “*The Politics and The Constitution of Athens*”. Ed. by Stephen Everson. Cambridge, 1996.
- _____, “*Nicomachean Ethics*”. Translated by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1934.
- BARKER, Ernest. “*Greek Political Theory: Plato and His Predecessors*”. New York: Taylor and Francis, 1918.
- ERIC, A. Havelock “*A revolução da escrita na Grécia*”. trad. O.J. Serra, São Paulo, Ed. UNESP, e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- EVANS, Arthur. “*The Minoan and Mycenaean Element in Hellenic Life*”, Annual Report of the Smithsonian Institution, 1912-1913 in Washington, D.C.: Government Printing Office, 1914.
- NILSSON, P.M. “*The mycenaean origin of greek mythology*”, ed. University of California Press, 1973.
- KIRK, G. S. “*The Songs of Homer*”. Ed. Cambridge, 1962.
- PARRY, A. “*The Making of Homeric Verse: The Collected Papers of Milman Parry*”. Ed. Oxford, 1971.
- SNODGRASS, A. *The Dark Age of Greece*. Ed. By Routledge, 2000.
- TUCÍDIDES, “*A história da guerra do Peloponeso*”, tradução de Mario da Gama Kury. Brasília: Unb, 1982.
- VERNANT, J-P. “*As Origens do Pensamento Grego*”. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- YOUNGER, John. “*Music in the Aegean Bronze Age*”. Ed. Jonsered, Sweden: Paul Åströms Förlag, 1998.